

Contratos de bolseiros voltam a ser prolongados

Samuel Silva

Os contratos dos bolseiros que são financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) vão ser prolongados por mais um mês, anunciou ontem a administração deste organismo público. A medida já tinha sido tomada no mês passado e é agora replicada, como forma de mitigar os efeitos que as medidas de contenção da covid-19 têm tido nos planos de trabalhos dos investigadores.

O prolongamento dos contratos é automático e não implicará qualquer perda de vencimento para os cerca de 5 mil investigadores que são directamente financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Esta foi a solução encontrada para responder às questões levantadas desde o mês passado pelos bolseiros que viram os seus planos de trabalho atingidos pela decisão de encerramento das instituições em que trabalham ou por outras medidas de contenção da covid-19, tanto em Portugal, como noutros países.

“Esta resolução tem por base a recente decisão do Governo em manter o encerramento das instituições de ensino superior e das actividades económicas não essenciais”, justifica a administração da FCT, num comunicado publicado no seu *site*.

A decisão já foi comunicada ontem por *email* a todos os bolseiros financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Cada mês de prolongamento das bolsas de doutoramento e pós-doutoramento custa cerca de 6 milhões de euros à fundação pública, tutelada pelo Ministério da Ciência e Ensino Superior.

Em Março, na sequência da decisão de suspensão das actividades presenciais em todos os estabelecimentos de ensino, já tinha sido anunciada uma medida semelhante. Na altura, a Fundação para a Ciência

e Tecnologia admitia já prolongar a decisão, como veio a acontecer.

Um inquérito realizado pela Associação dos Bolseiros de Investigação Científica e pela Fenprof junto dos bolseiros, nas últimas semanas, para perceber os efeitos da covid-19 nos seus trabalhos, mostra que a pandemia teve “um impacto significativo” no desenvolvimento dos planos de investigação de 60% dos inquiridos. Apenas 2% dizem que a situação actual não teve impacto nos projectos que estão a desenvolver.

Na maioria dos casos (65,5%), os impactos são motivados pelo facto de a instituição onde o bolseiro trabalha estar encerrada. Há ainda limitações ao trabalho de campo (25,2%), à realização de entrevistas ou questionários (14,5%) ou deslocações internacionais (15,9%), que impedem o normal desenvolvimento dos projectos de investigação.

Ainda segundo este inquérito, 23,5% dos bolseiros de investigação não podem continuar a trabalhar normalmente neste momento, por estarem a prestar apoio a familiares, sejam filhos em idade escolar ou parentes doentes.

samuel.silva@publico.pt



Estão em causa cerca de 5 mil investigadores